



Site do autor: livrosqueardem.com

As raízes de Dona Peixe

ou

Breve Tentativa de Absolvição de André Janeiro

Nota do Autor

Da verdade transmitida e do ponto acrescentado

Não ignoro — nem ousaria — os artigos eruditos que atribuem a André Janeiro a delapidação da fortuna de Dona Eugénia Peixe por vício nos jogos de azar. São textos sérios, assinados, sustentados em método e,

sobretudo, em testemunho oral, esse instrumento delicado que tanto ilumina quanto distorce.

Um dos autores, com louvável honestidade intelectual, esclarece que tal versão lhe foi transmitida por uma neta de outra dona de prazo. Eis aqui o ponto exato onde a História, sem perder a compostura, costuma tropeçar na literatura.

Porque quem conta um conto — ensinou-me a infância e confirmou-me a idade — acrescenta sempre um ponto. Às vezes, por zelo; outras, por esquecimento; quase sempre, por humanidade. A memória oral, como o jogo, vive de lances, blefes e repetições. Cada narrador baralha o baralho conforme a própria experiência, e o que chega ao papel já passou por mais mãos do que se costuma admitir.

Não pretendo, com isto, absolver meu avô nem acusar a informante. Limito-me a observar que entre o facto e o relato há sempre uma sala de espera, onde o tempo cochicha versões alternativas. Se André Janeiro jogava, jogava. Se perdeu, perdeu. Mas o peso exato da perda — e a mão que empurrou as fichas — talvez nunca tenha sido inteiramente visível a quem contou, ouviu e registou.

A História escreve com fontes; a crônica escreve com ecos. E entre umas e outros, instala-se a dúvida — essa herança que não se delapida.

Prólogo

Da suspeita como método

Onde declaro minhas intenções e desconfio delas

Não escrevo esta crônica para defender meu avô; escrevo para defendê-lo um pouco menos mal do que o têm feito. É verdade que André Janeiro jogava. Jogava cartas, jogava dados, jogava o silêncio dos outros e, quando lhe convinha, jogava a própria sorte. O que não aceito — e aqui começa o meu desacordo com os mortos — é que se lhe atribua sozinho a destruição da fortuna de Dona Eugénia Peixe, como se uma mulher daquela estatura pudesse ser levada ao fundo por um baralho mal embaralhado.

Conheci meu avô apenas pelo que ficou dele: algumas lembranças de infância, algumas lembranças transmitidas oralmente, algumas fotos, a lápide no cemitério do Lhanguene, o nome de um bairro e uma fama que

cresceu mais do que os factos. Quanto a Dona Eugénia Peixe, conheci-a por artigos publicados e assim passei a conhecê-la pelo medo — esse respeito sólido que atravessa gerações e que não se ensina, herda-se.

Escrevo, portanto, entre duas forças: o sangue e a ironia. Se falhar com uma, consolo-me com a outra.

Quelimane, cidade que observa sem intervir

Quelimane sempre preferiu assistir aos acontecimentos como quem vê teatro de varanda: comenta, murmura, mas raramente sobe ao palco. Foi nesse cenário de calor húmido e reputações secas ao sol que Dona Eugénia Peixe se tornou mais do que pessoa — tornou-se instituição.

De Dona Eugénia, senhora de ouro e silêncio

Tinha ouro, sim. Mas tinha sobretudo o talento de fazê-lo parecer eterno. As pulseiras eram menos adorno que aviso. Quem a via andar percebia que cada passo era uma decisão.

Falava CiSena com furor e português com parcimónia. A língua, para ela, não servia para comunicar — servia para governar.

Das raízes, dos banhos e da noite organizada

Os banhos de meia-noite eram rituais, não excentricidades. Nua no quintal, cercada pelas aias, Dona Eugénia dialogava com forças que a cidade fingia não reconhecer, mas respeitava.

Os curandeiros entravam pela porta dos fundos; o poder entrava com eles.

Da entrega de uma criança portuguesa

André Janeiro não era órfão. Eis um detalhe que a história costuma omitir por conveniência narrativa.

Nasceu de um casal português sem vocação para a permanência africana nem para a paternidade. Entregaram-no a Dona Eugénia como quem entrega um objeto precioso a alguém mais capaz de o guardar.

— Aqui ele será alguém, disseram.

E foram embora, satisfeitos com a própria ausência.

Da criação de André e do peso da gratidão

Dona Eugénia criou André com ternura declarada, e acima de tudo com método. Deu-lhe educação, nome respeitável e acesso aos bastidores do poder. O menino aprendeu cedo que gratidão é dívida eterna — e dívida, como se sabe, cobra juros.

Dos jogos pequenos e das perdas grandes

André começou com cartas inofensivas, jogos de quintal, apostas mínimas. Jogava para aprender o mundo, como outros leem livros.

O problema não foi o jogo; foi a convicção de que o acaso podia ser domado. Essa crença, aliás, também era partilhada por Dona Eugénia — só que ela apostava em gente, não em cartas.

Das intrigas domésticas e dos silêncios calculados

Na casa da Dona, falava-se pouco e observava-se muito. As aias sabiam mais do que diziam. Os parentes nativos sabiam o que convinha esquecer.

André cresceu nesse caldo espesso de favores e ressentimentos, onde cada

gesto tinha preço e cada silêncio, intenção.

Da famosa batota, agora examinada com lupa

Chamaram-lhe batota porque a palavra encerrava o caso com rapidez. Mas o que houve foi uma sequência de empréstimos mal definidos, jogos mal explicados e permissões dadas por quem sabia exatamente o que estava a permitir.

Dona Eugénia não foi enganada; foi confiante. E confiança, quando mal colocada, imita a ingenuidade.

Deixem me acrescentar um ponto

O Peso do Silêncio no Quintal

Quelimane, final de tarde. Dona Eugénia está sentada em sua cadeira de balanço, o ouro nos pulsos brilhando sob a luz alaranjada. André aproxima-se com o peso da "dívida eterna" nos ombros.

Dona Eugénia: (Sem olhar para ele, falando em CiSena com furor)
"Dizem que o baralho tem sido o teu único livro, André. Mas as cartas não ensinam a governar, apenas a esperar pelo que não vem".

André: (Em português, com cautela) "Eu jogo para entender o acaso, Madrinha. Para não ser pego de surpresa pelo que o destino decide sem nos consultar".

Dona Eugénia: "O destino não decide nada nesta casa que eu não tenha permitido primeiro". (Ela faz soar as pulseiras, um aviso sonoro conhecido por todos). "Estás a gastar o ouro que não fundiste. Pensas que a sorte é um dom, mas a sorte é apenas a paciência de quem observa sem intervir".

André: "A senhora também aposta. Aposta nos curandeiros que entram pela porta dos fundos, aposta nas forças que a cidade finge não ver". "Qual é a diferença entre os meus dados e os seus rituais de meia-noite?"

Dona Eugénia: (Vira o rosto lentamente, fixando-o com aquele respeito sólido que atravessa gerações) "A diferença, meu filho, é que eu aposto em pessoas. E pessoas, ao contrário das cartas, podem ser moldadas pelo medo ou pelo método". "Eu recebi-te como um objeto precioso de pais que não te queriam. Dei-te um nome que Quelimane agora murmura nas varandas".

André: "E agora esse nome está empenhado em mesas de fundo de

quintal".

Dona Eugénia: (Com um silêncio calculado) "Deixa que levem o papel e a terra. Se fores inteligente, André, entenderás que a única fortuna que ninguém te tira é aquela que se torna raiz na boca do povo". "Vai jogar. Mas lembra-te: a casa nunca perde, e nesta cidade, a casa sou eu".

Da morte de Dona Eugénia e da ausência de campa

Quando morreu, Dona Eugénia não teve campa. Teve medo póstumo. Ninguém ousou mexer no que era dela — nem no que já não era.

Morreu com raízes, dizem. Talvez. Mas morreu sobretudo com segredos, que é a forma mais eficaz de eternidade.

Da queda de André e da herança invisível

Sem a Dona, André ficou grande demais para ser protegido e pequeno demais para ser respeitado. A fortuna diminuiu, mas não rareou ; a fama essa sim cresceu.

Passou a carregar a culpa que muitos precisavam que ele carregasse.

Da independência e da pressa da História

Veio a independência, e com ela a limpeza das memórias inconvenientes. As terras de André Janeiro foram tomadas — não por vingança pessoal, mas por necessidade histórica, essa senhora apressada que não pede licença.

Perdeu-se o título, perderam-se os papéis, perdeu-se o direito.

Deixem me acrescentar mais um ponto, prometo ,o ultimo

O Batismo da Terra (Quelimane, pós-1975)

O cenário é de mudança. O sol de Quelimane continua o mesmo, mas o ar está carregado de uma eletricidade nova. André Janeiro está à porta da sua antiga propriedade, observando um grupo de homens que traz ferramentas e uma nova determinação nos olhos.

Funcionário da Administração: (Com um mapa oficial nas mãos, sem olhar para André) "As ordens são claras, cidadão. Esta área foi integrada no plano de reorganização urbana. A terra agora é do Estado, para o povo".

André: (Com um sorriso amargo, as mãos vazias que outrora seguraram

baralhos de fortuna) "O Estado tem pressa, não é? Nem esperaram que o defunto da minha reputação esfriasse para dividir os despojos".

Funcionário: "A História não pede licença, Sr. Janeiro. O que era título de papel agora é necessidade coletiva. Pode levar os seus pertences pessoais, mas o chão fica".

André: (Olhando para a placa de madeira que marcava a entrada, agora no chão) "Perdi o gado, perdi as cartas e agora perco o pó onde piso. É a maior 'mão' que já perdi, e nem sequer tive direito a ver o baralho".

Um jovem morador, que carregava estacas para marcar novos lotes, aproxima-se e pergunta ao funcionário:

Jovem: "Camarada, como vamos chamar a esta zona para as pessoas se localizarem? Precisamos de um nome para o setor".

O funcionário hesita, olha para o mapa antigo e depois para André, que parece encolher-se sob o peso da sua nova insignificância.

Funcionário: (Suspirando) "Toda a gente já diz que vai para as 'Terras do Janeiro'. Mudar isso agora só traria confusão. No papel oficial pomos outra coisa, mas para o povo... isto vai ser o Bairro Janeiro", e pelo que

constatei tornou-se oficial no papel.

André: (Solta uma gargalhada curta e seca, carregada de ironia) "Ouvindo isso? Vocês tiraram-me o direito de morar, mas condenaram-me a estar em todas as esquinas. Tiraram-me o título, mas deram-me a eternidade".

Jovem: (Confuso) "O que ele disse?"

André: (Caminhando em direção à rua, sem olhar para trás) "Disse que perdi a partida, meu jovem, mas acabei de ganhar o prêmio principal. Podem apagar os meus papéis, mas agora vão ter de dizer o meu nome cada vez que quiserem voltar para casa".

Da outra versão, dita em voz baixa

Quem sabe — e aqui escrevo com a cautela de quem pisa terreno já ocupado — possa ter sido assim: uma versão suavizada da tomada de posse das terras e bens, organizada pela necessidade histórica e pela pressa administrativa. Quem sabe.

Mas a verdade, como certas visitas, só aparece quando a casa está quase vazia.

Foi em 2020, numa conversa casual — essas que parecem nada prometer — com um amigo antigo do velho André, proprietário de um restaurante em Quelimane e corroborada por outro antigo amigo este proprietário de uma pensão, que me foi revelada outra versão. Não oficial, não registada, não elegante. Apenas mais cruel.

Com a ausência de todos os herdeiros, André Janeiro viu-se só. E a solidão, quando se estende no tempo, transforma-se em convite. Pouco a pouco, a população foi ocupando a terra — primeiro por necessidade, depois por hábito, finalmente por direito tácito. Houve resistência, dizem. Houve palavras duras, tentativas de contenção, gestos tardios de autoridade.

E houve incêndios.

Incêndios criminosos, não como destruição imediata, mas como pedagogia do medo. Queimavam-se cercas, depois galpões, depois a própria ideia de permanência. Não para matar o velho — isso seria excesso — mas para ensinar-lhe que o tempo já não lhe pertencia.

André resistiu enquanto pôde. Depois, como acontece aos vencidos discretos, baixou as armas. Em 1978, já debilitado, partiu para Maputo.

Não em fuga espetacular, mas em retirada silenciosa, que é a forma mais comum de exílio.

Ali morreu em 14 de Abril de 1979. Jazem os seus restos mortais no cemitério de Lhanguene, onde a terra é definitivamente alheia a qualquer disputa. É curioso notar que, tendo perdido tantas terras em vida, acabou por ocupar, na morte, apenas o espaço estritamente necessário.

Se esta versão é mais verdadeira do que a outra, não ousou afirmar. Limito-me a registá-la. A História, quando não pode escolher, arquiva ambas — e segue em frente.

Do nascimento de um bairro

Onde antes havia terras do avô, nasceu o Bairro Janeiro. A ironia é perfeita demais para ser planejada: tudo lhe foi tirado, exceto o nome.

Quelimane, que esquece pessoas com facilidade, gravou o apelido no mapa.

Do neto que escreve e hesita

Sou neto de André Janeiro e escrevo esta crônica como quem revisita uma

casa demolida. Não para reconstruí-la, mas para provar que existiu.

Defendo-o sem absolver. Acuso-o sem condenar.

Quanto a André Janeiro, perdeu terras, fortuna e reputação — mas ganhou um bairro. E poucos jogadores podem dizer que deixaram tamanho prêmio ao acaso.

EPÍLOGO

Onde a História ganha, mas não convence

A História venceu. Vence sempre. Mas não convence ninguém que tenha herdado dúvidas.

Eu herdei.

FIM